

DEPÓSITO MONETÁRIO DO SÉCULO III ENCONTRADO NO TERRENO DA ANTIGA CAMPSA (MÉRIDA)

Ana Bejarano Osorio*
José Ruivo**

O local onde surgiu o achado que é objecto desta nota forma parte de uma extensa área da necrópole oriental de Augusta Emerita. Este espaço caracteriza-se pela convivência, desde os momentos iniciais da colónia, de estruturas destinadas a uso doméstico (casa do Anfiteatro, casas do Museu Nacional de Arte Romano) - que impedem o avanço da necrópole em direcção às proximidades do recinto urbano (BEJARANO OSORIO 2004 242-248) - com zonas de espectáculos, dada a proximidade do Circo.

A necrópole configurou-se na época altoimperial paralelamente ao processo de formação da cidade. As escavações puseram a descoberto uma área colmatada por materiais de enchimento oriundos, possivelmente, de um primeiro núcleo de enterramentos que se situaria no espaço onde veio a ser depois erguido o anfiteatro. Sobre este nível de enchimentos construiu-se uma calçada procedente do Anfiteatro que cruza o terreno no sentido oeste/este, constituindo-se no eixo director das primeiras fases da necrópole. Desta calçada, partia um caminho porticado, que atravessava o terreno em direcção a norte, enlaçando com a cabeceira do Circo. Em redor desta via localizaram-se várias edificações funerárias, assim como um numeroso grupo de sepulturas individuais (MOLANO BRIAS *et alii* 1995 1189-1190).

Os primeiros enterramentos correspondiam a sepulturas de incineração tanto em *busta* como em *ustrina*. Pouco se conhece das grandes construções sepulcrais, mausolés cuja orientação se regista claramente pela proximidade da via, já que chegaram sobretudo até nós as fundações que apenas nos permitem reconstituir parcialmente as suas plantas. Todavia, atendendo aos elementos escultóricos recolhidos na área (cornijas, capitéis ...), as edificações deveriam ter sido sumptuosas.

* Arqueóloga do Consórcio da Cidade Monumental de Mérida.

** Doutorando em Arqueologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

O desenvolvimento da zona funerária e o seu uso continuado supuseram a adaptação dos espaços existentes e das grandes construções às novas necessidades de espaço impostas pela chegada da inumação. Progressivamente a franja foi-se saturando, gerando uma disposição desordenada dos enterramentos que se foram aproximando do recinto urbano, aproveitando o abandono em época tardia das habitações situadas no perímetro exterior (BEJARANO OSORIO 2004 248-256). Na quarta centúria, se bem que nunca se tenha deixado de enterrar nesta parte da cidade, parece ter ocorrido uma decadência e abandono parcial da necrópole em favor de outras áreas, em concreto a situada na zona sul denominada *Los bodegones*. Não obstante, a actividade funerária não cessou no local e estão documentadas sepulturas claramente atribuíveis à época visigótica, desta vez concentradas em duas áreas bem definidas, uma conhecida como necrópole de S. José e a outra nas proximidades do recinto muralhado, na área da *Casa do Anfiteatro*.

Centrando-nos agora na intervenção onde ocorreu o achado do conjunto monetar objecto do presente artigo, passaremos a referir-nos aos trabalhos efectuados numa zona ligeiramente mais afastada do núcleo populacional, constituída como área quase periférica dentro deste espaço funerário e que actualmente se conhece sob a designação de *antiga Campsa*, já que aí esteve recentemente estabelecida a empresa de distribuição de combustíveis Campsa.

Após três campanhas de escavação sucessivas, correspondentes aos anos 1998 (BEJARANO OSORIO 2000 305-331), 1999 (BEJARANO OSORIO 2001 243-254) e 2000 (BEJARANO OSORIO 2002 217-240), completou-se a exploração de um espaço de 11.000m² que nos forneceu novos dados sobre a evolução da zona oriental da colónia, que seguiu os mesmos parâmetros evolutivos visíveis na restante área associada e que conhecemos como *necrópole oriental*.

Como aspecto singular no conjunto de toda a informação recolhida destaca-se o facto de, pela primeira vez na cidade, se detectar a existência de um recinto a céu aberto, de amplas dimensões, provido de *ustrinum* colectivo, claramente vinculado a um numeroso grupo de sepulturas, que na altura interpretámos como podendo encontrar-se associado a um *collegium* (BEJARANO OSORIO 2002 217-240). Junto a este edifício surgia um mausoléu provido de uma área para a celebração dos banquetes fúnebres e, num espaço ligeiramente mais afastado, um tanque dotado de poço, com uma clara função ornamental, ainda que não seja igualmente de descartar a sua relação com os rituais funerários (BEJARANO OSORIO 2002 233-234).

Urbanisticamente toda a área se articulava perfeitamente mediante a incorporação de uma série de vias principais e eixos menores que estabeleciam a ligação com os diversos recintos registados (BEJARANO OSORIO 2002 230-231). Como caminho secundário dentro da malha viária da zona identificámos uma *via vicinalis* ou *privata* (SÁNCHEZ BARRERO e MARÍN 1998 549-570), que entroncaria numa via principal que se dirigia para a zona média do Circo. Este caminho serve de eixo sobre o qual se desenvolve o espaço funerário escavado orientando-se tanto as estruturas murais como alguns dos

enterramentos mais próximas em função do mesmo. Ainda que cronologicamente não seja possível estabelecer uma data exacta para a sua construção, o facto de o núcleo funerário o tomar como referência permite datá-lo de inícios do séc. I, momento em que se situam os primeiros enterramentos.

Parte da estrutura mural de fecho ou limite desta calçada criava, juntamente com uma parede paralela ao mesmo cuja funcionalidade era a de elemento de demarcação de um amplo recinto compartimentado em espaços assimétricos, um corredor em que, à excepção de uma única sepultura de incineração em caixa de ladrilhos datada da segunda metade do séc. I-primeira metade do séc. II (BEJARANO OSORIO 2002 221-224), apenas se documentou a existência de um nível de enchimento de terra compactada com alguma presença de rocha desagregada a modo de pavimentação e um nível de derrube que o amortizava. Foi precisamente neste substrato de abandono que foi encontrado o conjunto de 15 moedas de bronze que é objecto desta publicação. As moedas foram encontradas juntas, não tendo sido detectada qualquer fossa para o seu enterramento. É possível que estivessem ocultas no muro e que com o seu desmoronamento tenham caído no solo.

Todas as moedas são sestércios cunhados em Roma abarcando um período de mais de 150 anos compreendido entre os principados de Domiciano e de Filipe I. A sua repartição faz-se de acordo com o quadro que se segue.

	Total
Domiciano	1
Trajano	1
Adriano	2
Faustina I	1
Marco Aurélio	3
Lucila	2
Caracala	1
Gordiano III	1
Filipe I	1
Indeterminadas	2
Total	15

As moedas mais antigas, pelos claros vestígios de desgaste ostentados, acusam uma circulação prolongada, o que obstou a uma descrição e classificação satisfatória em boa parte dos casos. Duas delas chegaram até nós em tão mau estado que não foi sequer possível identificar os imperadores responsáveis pela respectiva cunhagem, embora nos pareça que a sua emissão terá ocorrido na época antonina. Apenas os exemplares mais recentes são de fácil classificação uma vez que, tendo circulado menos tempo, se encontram melhor conservados.

Tendo embora presente o facto de o número de moedas deste depósito ser bastante reduzido, constata-se que a sua composição é similar à dos restantes depósitos hispânicos com grandes bronzes do séc. III, em que percentagem significativa - muitas vezes a maioria - das moedas que os compõem são do período alto-imperial. Tomemos como exemplo depósitos volumosos como os de Talamanca, Ibiza (CAMPO e FERNÁNDEZ 1977 89-101) e “El Mirador” de Dénia, Alicante (Abascal *et alii* 1995), maioritariamente compostos por sestércios cunhados até 192, ou o de Cabrera III, Maiorca (BOST *et alii* 1992 35-116), onde a percentagem de numerário alto-imperial supera os vinte por cento. Claro que é necessário ter em conta que estes conjuntos monetários tem naturezas e datas de ocultação diferentes, com o depósito maiorquino a ser perdido vários anos mais tarde, pelo que não deixa de ser normal essa menor representação do numerário mais antigo. Por outro lado, tratando-se da caixa de uma embarcação, a sua composição tem que ser forçosamente diferente da dos outros dois conjuntos, que possuem características de aforro.

Da mesma forma, a composição do depósito do solar da Campsa não diverge grandemente da de outros pequenos depósitos mais ou menos contemporâneos, como os de El Masnou, Barcelona (GURT 1977 81-89), Domus A de Romeu, Sagunto (LLORENS FORCADA e RIPOLLÈS ALEGRE 1995 217-228), Valeria, Cuenca (OSUNA *et alii* 1978 76-79) ou Torrejones, Murcia (AMANTE SÁNCHEZ e LECHUGA GALINDO 1986 51-61), só para referirmos alguns exemplos. Em apêndice apresentamos uma lista, não forçosamente exaustiva, dos conjuntos com moedas de bronze¹ ocultados durante o séc. III na Hispânia. Uma rápida observação permite concluir de imediato que, à semelhança do tesouro do solar da Campsa, a maior parte destes conjuntos é constituída por pequenas somas, frequentemente abaixo das 20 moedas, correspondendo ao conteúdo de pequenos porta-moedas de uso mais ou menos quotidiano², já que na sua formação não se parece vislumbrar qualquer intenção de entesouramento no sentido de acumulação de riqueza. Não obstante a reduzida quantidade de moedas encontradas nestes achados, não deixam os mesmos de ser esclarecedores acerca da circulação monetária por volta de meados do séc. III, ainda dominada pelo numerário de bronze num momento em que a sua cunhagem se aproximava do fim e a crescente desvalorização do antoniniano se preparava para provocar uma inundação dos circuitos monetários com moeda de baixíssimo valor intrínseco. Estas constatações haviam já sido salientadas por LLORENS FORCADA e RIPOLLÈS ALEGRE (1995 222), que não deixam igualmente de chamar a atenção para outro aspecto que nos parece de grande interesse: a associação de vários destes tesouros a estratos de destruição ou

¹ Obviamente não incluímos na referida listagem os depósitos compostos só por moeda radiada. Um inventário bastante completo dos tesouros hispânicos do séc. III, foi recentemente realizado por MARTÍNEZ MIRA 1995-1997 119-180 e 2000-2001 297-307.

² Diferente é natureza do depósito de Altafulla, onde foram encontrados 15 sestércios depositados junto a um esqueleto num contentor em forma de cartucho. Trata-se, por certo, de uma oferenda destinada a pagar o óbolo a Caronte.

de cinzas. Embora nem todos os “tesouros” descobertos nestas circunstâncias se enquadrem no mesmo horizonte cronológico, a verdade é que muitos deles poderão remeter para as diversas perturbações em que a Hispânia, e o mundo romano de uma forma geral, terá sido fértil durante boa parte do séc. III, mas cujas circunstâncias e consequências permanecem mais ou menos desconhecidas.

Atendendo ao bastante aceitável estado de conservação dos exemplares mais recentes, sobretudo da moeda de Filipe I que encerra o depósito, quer-nos parecer que a sua perda deverá estar situada entre 250 e 260 d.C. Esta cronologia, se não nos permite estabelecer o abandono da via, documenta pelo menos a sua utilização durante grande parte da terceira centúria. Em jeito de hipótese, e atendendo a que a calçada se dirigia à zona média do Circo sem aparente ligação com outra via principal cujo traçado está bem delimitado, parece-nos que este acesso estaria em conexão com o grande edifício de espectáculos situado nas proximidades, o qual se encontraria em funcionamento ainda durante esta época, não obstante a sua decadência ter obrigado a importantes reformas logo nos inícios da quarta centúria (NOGALES BASARRATE 2000 31-46).

CATÁLOGO

1. Domiciano, Roma, (85-96 d.C.)³

Anv.: [...]GERM CO[S ...]; cabeça laureada para a direita

Rev.: Fruste

21,79 g

RIC -

Nº inv. 5

2. Trajano, Roma, 98-117 d.C.

Anv.: [...] GER D[AC ...]; cabeça laureada para a direita

Rev.: Ilegível; tipo não identificado

22,12 g

RIC -

Nº inv. 12

3. Adriano, Roma, 117-138 d.C.

Anv.: Ilegível; cabeça (ou busto) descoberta (?) para a direita

Rev.: Ilegível; figura não identificada de pé (...)

³ Datação sugerida pela distribuição da parte não truncada da legenda.

20,62 g

RIC-

Nº inv. 8

4. Adriano, Roma, 117-138 d.C.

Anv.: Ilegível; cabeça laureada para a direita

Rev.: Ilegível; figura não identificada de pé para a esquerda (...)

22,12 g

RIC-

Nº inv. 9

5. Faustina I (divinizada, sob Antonino Pio), Roma, *post.* 141 d.C.

Anv.: [DIVA FAV]STINA; busto velado para a direita, drapeado

Rev.: [AE]TER[NI]TAS S C; Fortuna de pé, para a esquerda, com leme e globo

22,95 g

RIC 1107

Nº inv.: 13

6. Marco Aurélio, Roma, Dezembro 163-Dezembro 164 d.C.

Anv.: M AVREL ANTONINVS AV[G P M]; cabeça laureada para a direita

Rev.: ilegível: [TR P XVIII IMP II COS III S C]⁴; Vitória caminhando para a esquerda, com palma e coroa

25,70 g

RIC 877

Nº inv. 14

7. Marco Aurélio, Roma, Dezembro 178-Dezembro 179 d.C.

Anv.: [M] AVREL ANTONINVS AVG TR P XXXIII; cabeça laureada para a direita

Rev.: [FELICITAS AVG IMP VIII (ou X) COS III PPS] C; Felicitas de pé, para a esquerda, com ceptro e caduceu

21,02 g

RIC 1237/1239

Nº inv. 6

⁴ A quebra da legenda de anverso e o espaço onde esta se encontra truncada não permitem uma titulação mais extensa comportando a indicação do poder tribúncio ou os títulos militares ARM PARTH ou GERM SARM, por exemplo, pelo que a legenda de reverso só poderia ser a proposta.

8. Marco Aurélio, Roma, 161-180 d.C.⁵

Anv.: [... A]NTONIN[VS ...]; cabeça laureada para a direita

Rev.: Ilegível [...] S C; Figura de pé para a esquerda (Felicitas ?), com ceptro (...)

17,30 g

RIC-

Nº inv. 11

9. Lucila (sob Marco Aurélio), Roma, 164-169 d.C.

Anv.: LVCILLAE AVG ANTONINI AVG F; busto para a direita, drapeado

Rev.: HI[LARITAS] S C; Hilaritas de pé, para a esquerda, com palma comprida e cornucópia

24,70 g

RIC 1742

Nº inv.: 2

10. Lucila (sob Marco Aurélio), Roma, 164-169 d.C.

Anv.: LVCILLAE AVG [ANTONINI AVG F]; busto para a direita, drapeado

Rev.: [IVNONI LVCI]N[AE S C]; Juno sentada para a esquerda com criança e flor

24,19 g

RIC 1747

Nº inv.: 7

11. Caracala, Roma, 191-192 d.C.

Anv.: LAELAVREL COMM AVG P FEL; cabeça laureada para a direita

Rev.: Ilegível; [...] S C; Libertas de pé, para a esquerda, com ceptro e *pileus*; em baixo: estrela no campo, para a esquerda

20,70 g

RIC 617/619

Nº inv.: 4

12. Gordiano III, Roma, 240 d.C.

Anv.: IMP GORDIANVS PIVS FEL AVG; busto laureado para a direita, drapeado e couraçado, visto por detrás

Rev.: P M TR P II COS P P S C; Imperador de pé para a esquerda, togado e velado, com bastão, sacrificando sobre altar

⁵ Atribui-se a cronologia do principado de Marco Aurélio, apesar da elevada probabilidade de a moeda reproduzir os mesmos tipos da moeda nº 7.

23,53 g
 RIC 291
 Nº inv.: 1

13. Filipe I, Roma, 244-249 d.C.

Anv.: IMPM IVL PHILIPPVS AVG; busto laureado para a direita, drapeado e couraçado, visto por detrás

Rev.: LAET FVNDATA S C; Laetitia de pé para a esquerda sobre proa, com pátera e leme

18,57 g
 RIC 176a
 Nº inv.: 3

Moedas não identificadas, provavelmente do período antonino

14. Imperador não identificado, Séc. II d.C.?

Anv.: Ilegível; cabeça (?) laureada para a direita

Rev.: Figura feminina para a esquerda com cornucópia (...)

17,75 g
 RIC-
 Nº inv.: 15

15. Imperador não identificado, Séc. II d.C.?

Anv.: Ilegível; cabeça (?) laureada para a direita

Rev.: fruste

18,83g
 RIC-
 Nº inv.: 10

APÊNDICE

Tesouros do séc. III com moedas de bronze⁶

1. Cabrera III (Maiorca): 965 sestércios e 2 antoninianos, de Domiciano a Valeriano (BOST *et alii* 1992 35-116);
2. Dianium (Alicante): 668 sestércios e 1 dupôndio, de Vespasiano a Gordiano III (ABASCAL *et alii* 1995);

⁶ Por ausência de dados satisfatórios, foram excluídos vários supostos conjuntos monetais, como os de Arruda dos Vinhos (MATEU Y LLOPIS 1947-1948 68), Polvarinho (MATEU Y LLOPIS 1947-1948 68), S. Miguel (PEREIRA *et alii* 1974 232, nº 15), Saragoça (DELGADO CEAMANOS 1990 205-210), Aljibe de Poveda (MARTÍNEZ MIRA 2000-2001 300, nº 95) e Numario da Universidade de Valência (ARROYO ILERA 1984 428-430).

3. Talamanca (Ibiza): 516 sestércios, de Tito a Gordiano III (CAMPO e FERNÁNDEZ 1977 89-101);
4. Cueva de la Zorra (Carranza): cerca de 100 bronzes até, pelo menos, Gordiano III (CEPEDA OCAMPO 1990 28-30 y 171-172);
5. La d'Eula (Alicante): 55 sestércios e 7 antoninianos, de Nero a Galieno (GONZÁLEZ PRATS e ABASCAL PALAZON 1987 183-196);
6. Villauba (Pla de L'Estany): 45 sestércios, 1 as e 2 antoninianos, de Antonino Pio a Galieno (ROURE i BONAVENTURA *et alii* 1986-1989 268-281);
7. Bolibar (Vizcaya): cerca de 30 bronzes de que apenas se descrevem 3 sestércios, o mais recente de Severo Alexandre (CEPEDA OCAMPO 1990 39-40 e 171);
8. Mas d'Aragó (Castellon): 15 sestércios e 38 antoninianos, de Adriano a Galieno (GOZALBES 1996 383-404);
9. Clunia 3: 2 sestércios, 2 asses e 50 antoninianos, de Domiciano a Aureliano (GURT ESPARRAGUERA 1985 133-145);
10. Clunia 2: 1 sestércio, 4 asses, 1 denário e 18 antoninianos, de Augusto a Probo (GURT ESPARRAGUERA 1985 133-145);
11. El Masnou (Barcelona): 17 sestércios, de Domiciano a Filipe II (GURT 1977 81-89);
12. Pollentia (Maiorca): 17 sestércios, de Adriano a Trajano Décio (MATTINGLY 1983 269)⁷;
13. Casa do Anfiteatro (Mérida): 16 bronzes de Cláudio I a Maximino⁸;
14. Altafulla 2 (Tarragona): 15 sestércios, de Adriano a Galieno (reino conjunto) (MAROT 1998 218-220);
15. Valeria (Cuenca): 7 sestércios, 3 dupôndios e 5 bronzes indeterminados, de Antonino Pio a Herénia Etruscila (OSUNA *et alii* 1978 76-79);
16. Benicató (Castellón): 11 sestércios e 5 asses, de Antonino Pio a Valeriano (RIPOLLÉS ALEGRE 1977 145-154);
17. Domus A de Romeu (Sagunto): 11 sestércios, de Domiciano a Balbino (LLORENS FORCADA e RIPOLLÉS ALEGRE 1995 217-228);
18. Los Torrejones (Murcia): 8 sestércios e 1 asse, de Calígula a Trajano Décio (AMANTE SÁNCHEZ e LECHUGA GALINDO 1986 51-61);
19. Torre Llauder (Mataró): 8 bronzes, de Domiciano a Júlia Mameia, e 188 argolas de bronze (GURT 1978 10-15);
20. Quinta das Cortes (Marco de Canavezes): pelo menos 31 sestércios de Domiciano a Valeriano (MENDES-PINTO 2004 189-199).

BIBLIOGRAFIA

- ABASCAL, J.M. *et alii*, *Un tesoro de sestercios romanos procedentes del territorium de Dianium (Hispania Citerior)*, Alicante, 1995.
- AMANTE SÁNCHEZ, M. e LECHUGA GALINDO, M., "Un conjunto de bronzes del siglo III

⁷ Atendendo ao desgaste dos exemplares mais recentes, Mattingly considera a ocultação posterior a 270.

⁸ As moedas deste conjunto, depositadas no Museo Nacional de Arte Romano com os nºs de inventário 32536 a 32551, não foram ainda objecto de limpeza, pelo que os dados apresentados devem ser considerados provisórios.

- d.C. procedente de yacimiento romano de los Torrejones (Yecla, Murcia)", *I Jornadas de Historia de Yecla*, 1986, p. 51-61.
- ARROYO ILERA, R. *El numario de la universidad de Valencia*, València, 1984.
- BEJARANO OSORIO, A. M^a., "Intervención arqueológica en el antiguo solar de la Campsa. Espacio funerario de época altoimperial", *Mérida, excavaciones arqueológicas*, 4. 1998, 2000, pp. 305-332.
- BEJARANO OSORIO, A. M^a., "Nuevas intervenciones en el espacio funerario conocido como "necrópolis oriental" de Mérida. "Intervención arqueológica en un solar situado en la antigua Campsa s/n", *Mérida, excavaciones arqueológicas*, 5. 1999, 2001, pp. 243-253.
- BEJARANO OSORIO, A. M^a., "Nuevos datos acerca del área funeraria de época altoimperial ubicada en el antiguo solar de la CAMPSA. Intervención arqueológica realizada en el solar de la antigua CAMPSA s/n", *Mérida, excavaciones arqueológicas*, 6. 2000, 2002, pp. 217-240.
- BEJARANO OSORIO, A. M^a., *El mausoleo del dintel de los ríos: los contextos funerarios tardíos en Augusta Emerita*, Cuadernos Emeritenses 27, Mérida, 2004.
- BOST, J. P. *et alii*, *L' épave Cabrera III (Majorque)*, 1992.
- CAMPO, M. e FERNÁNDEZ, J. N., "El tesoro de Talamanca (Ibiza): sextercios de Tito a Gordiano", *Acta Numismatica*, 7, 1977, pp. 89-110.
- CEPEDA OCAMPO, J.J., *Moneda y circulación monetaria en el País Vasco durante la Antigüedad (siglo II a.C.-V. d.C.)*, Bilbao, 1990.
- DELGADO CEAMANOS, J., "Informe de la excavación realizada del solar de la C/ Universidad 7, angular C/ Torellas (Zaragoza)", *Arqueología de Aragón*, 1990, pp. 205-210.
- GONZÁLEZ PRATS, A. e ABASCAL PALAZON, J. M., "La ocultación monetaria de la d'Eula, Crevillente (Alicante) y su significación para el estudio de las invasiones del siglo III", *Lucentum*, VI, 1987, pp. 183-196.
- GOZALBES, M., "El tesoro del Más d' Aragón (Cervera del Maestre, Castellón)", *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología Castellonenses*, 17, 1996, 383-404.
- GURT, J. M., "Hallazgo de un tesoro del siglo III en la villa romana de Torre Llauder (Mataró)", *Gaceta Numismática*, 50, 1978, pp. 10-15.
- GURT, J. M., "Un tesoro del s. III en Masnou (Barcelona)", *Gaceta Numismática*, 44, 1977, pp. 81-89.
- LLORENS FORCADA, M^a del Mar e RIPOLLÉS ALEGRE, P.P., "El depósito monetario de la Domus A de Romeu: nuevas aportaciones a la circulación de moneda de bronce en Sagunto durante el siglo III d.C.", *Saguntum*, 28, 1995, pp. 217-228.
- MAROT, T., "El conjunt de sestercis del segle III", in TARRATS, F. *et alii*, "Excavacions a l' área residencial de la vil.la romana dels Munts (Altafulla, Tarragonés)", *Ampurias*, 51, 1998 218-220.
- MARTÍNEZ MIRA, I., "Tesorillos del S. III d.C. en la Península Ibérica", *Lucentum*, XIV-XVI, 1995-1997, pp. 119-180.
- MARTÍNEZ MIRA, I., "Tesorillos del S. III d.C. en la Península Ibérica (II)", *Lucentum*, XIX-XX, 2000-2001, pp. 297-307.
- MATEU Y LLOPIS, F., "Hallazgos monetarios. V", *Ampurias*, 9-10, 1947-1948, pp. 55-95.
- MATTINGLY, H. B., "Roman Pollentia: coinage and history", in ARRIBAS, A. (ed.), *Pollentia. Estudio de los materiales I. Sa Portella, excavaciones de 1957-63*, Palma de Maiorca, 1983, pp. 243-301.
- MATTINGLY, H. e SYDENHAM, E. A., *The Roman Imperial Coinage, II. Vespasian to Hadrian*, Londres, 1972 (reed.).
- MATTINGLY, H. e SYDENHAM, E. A., *The Roman Imperial Coinage, III. Antoninus Pius to*

Commodus, Londres, 1972 (reed.).

MATTINGLY, H. *et alii*, *The Roman Imperial Coinage, IV-3.Gordian III-Uranus Antoninus*, Londres, 1968 (reed.).

MENDES-PINTO, J.M.S., “O tesouro da Quinta das Cortes (Soalhães, Marco de Canavezes)”, *Nummus*, 2ª s., XXVII, 2004, pp. 189-199.

MOLANO BRIAS, J. e ALVARADO, M., “Avance de las excavaciones realizadas en la necrópolis oriental de Emerita Augusta. “El Sitio del Disco” (1988-1990)”, *Actas del XXI Congreso Nacional de Arqueología* (Teruel, 1991), Vol. III. Zaragoza, 1995, pp. 1183-1197.

NOGALES BASARRATE, T., *Espectáculos en Augusta Emerita, (espacios, imágenes y protagonistas del ocio y espectáculo en la sociedad romana emeritense)*. M.N.A.R. Monografías Emeritenses, 5. Badajoz, 2000.

OSUNA, M. *et alii*, *Valeria romana I*, Cuenca, 1978.

PEREIRA, I. *et alii*, *Fouilles de Conimbriga, III.Les monnaies*, Paris, 1974.

RIPOLLÉS ALEGRE, P. P., “Estudio numismático en la villa de Benicató (Nulles, Castellón)”, *CPAC*, 4, 1977, pp. 145-154.

ROBERTSON, A. S., *Roman Imperial Coins in the Hunter Coin Cabinet, II. Trajan to Commodus*, Londres/Glasgow/Nova Iorque, 1971.

ROURE i BONAVENTURA, A., *et alii*, “Trobada d’ un conjunt monetari a Vilauba (Camós, Pla de L’ Estany)”, *Empúries*, 48-50 (2), 1986-1989, pp. 268-281.

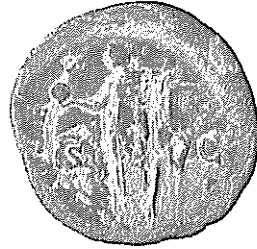
SÁNCHEZ BARRERO, P. D. e MARÍN, B. (2000), “Caminos periurbanos de Mérida”, *Mérida, excavaciones arqueológicas*, 4. 1998, 2000, pp. 549-570.



2A



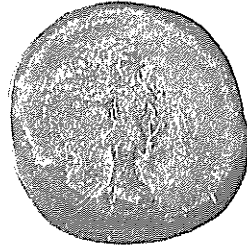
5A



5R



6A



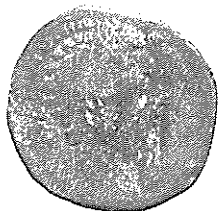
6R



7A



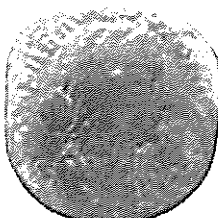
7R



8A



8R



9A



9R



11A



11R



12A



12R



13A



13R

